

FREI TITO: A RESISTÊNCIA PACÍFICA¹

Diones Gomes dos Santos²

Chrislene Carvalho dos Santos Pereira Cavalcante³

RESUMO

Com base nos acontecimentos ocorridos no período do governo dos militares no Brasil (1964/1985), esse artigo visa apresentar um recorte da vida política de Frei Tito, da sua entrada no convento dos Dominicanos em São Paulo ao exílio e morte na Europa, a partir da historiografia e de seus próprios registros.

Palavras-Chave: Frei Tito, Ditadura militar, Tortura, exílio

ABSTRACT

Based on the events that took place during the period of government of the military in Brazil (1964/1985), this article aims to present a cut in the political life of Frei Tito, his entry into the convent of the Dominicans in São Paulo to exile and death in Europe, Historiography and its own records.

Keywords: Frei Tito, Military Dictatorship, Torture, Exile

1. FREI TITO E SUA SOCIEDADE

Contextualizar Frei Tito no espaço/tempo em que viveu sua juventude, consiste em tarefa árdua, mas no entanto prazerosa, posto que seu exemplo e vida nos apresentavam com uma lição de compromisso com os desejos de “*fraternité, égalité e liberté*” tão caros aos de sua época.

Inquieto desde a adolescência⁴, sacudido por influências de movimentos sociais, o jovem deixa a casa dos pais e em poucos anos ingressava na ordem dos Dominicanos (fevereiro de 1967), onde pelas circunstâncias teria seu nome ligado à esquerda revolucionária do Brasil.

“Em março de 1964, um golpe militar tirou João Goulart da presidência da república, deixando o governo do país nas mãos do comando supremo da “Revolução”. O Brasil passou a ser regido de acordo com as imposições dos Atos Institucionais.

A partir do Ato Institucional 1, as garantias constitucionais começaram a ser suspensas. Associações sindicais, federações operárias e organizações estudantis foram proibidas. Qualquer manifestação contrária ao regime militar

¹ Artigo resultante de Trabalho de Conclusão de Curso em especialização em História do Brasil II das Faculdades Inta

² Aluno especializando de História do Brasil II das Faculdades Inta

³ Orientadora, professora do curso de História das Faculdades Inta

⁴ Sobre as inquietações do adolescente Tito, conferir: LOPES, Regis e KUNZ, Martine. Frei Tito: Em nome da memória-2 ed.- Fortaleza: Museu do Ceará, Secretária da Cultura do Ceará; 2005. Pag.11

era considerada um ato terrorista, que deveria ser reprimido imediatamente, ou o comunismo dominaria o País.

Foi a partir desse momento que os setores da oposição partiram com mais força para um enfrentamento armado com o regime militar. Surgiram várias organizações clandestinas que organizaram operações contra à ditadura.

Em meio a esse turbilhão de acontecimento, Frei Tito transferiu-se do convento de Belo Horizonte para o de São Paulo.”⁵(Acioli-pp29-30)

A igreja católica que até então não havia entrado em cena (pelo menos não contra a postura ditatorial dos militares), tinha agora em seus quadros uma cabeça pensante e insatisfeita com o que estava acontecendo. É bem verdade que Tito não militava sozinho, outros dominicanos como Frei Beto, Frei Giorgio (que fora preso com Tito), Frei Ivo e vários outros comungavam dos mesmos sentimentos, no entanto, o espírito de liderança e a convicção no seu ideal, fizeram de Tito um expoente daquela luta.

Homem de paz e de fé inabalável, por inúmeras vezes recusou-se a comungar com o pensamento de alguns grupos armados, que viam nas armas a única maneira de derrubar o regime de então, no entanto esforçava-se para convencê-los de uma saída pacífica e democrática, prestava-lhes apoio logístico e humano sempre que necessário, e mesmo nessa atmosfera de medo mantinha-se firme nos seus trabalhos.(*Grifo meu*)

Desde sua chegada ao convento paulista, no bairro de Perdizes⁶ o cearense Tito mostrava-se contrário ao regime de proibição à liberdade de expressão pela qual passava o país, tanto que um ano e oito meses depois cometera seu maior “pecado”, aquele que penso talvez tenha lhe custado a vida.⁷

2. A UNE EM IBIÚNA

Sobre esse período, pode-se verificar a descrição sobre o estudante de Filosofia da Universidade de São Paulo, Tito de Alencar:

“ Junto com outros frades dominicanos, como Osvaldo Rezende, Luis Felipe Raton Mascarenhas, Ivo Lesbaupin, Roberto Romano, Magno Vilela e Frei Beto, Também alunos da USP, envolveu-se no movimento estudantil, participando de passeatas, reuniões e colaborando com apoio logístico aos grupos (...) Em outubro de 1968, com o objetivo principal de eleger o novo presidente da entidade, foi decidida a realização do 30 Congresso Nacional da UNE, em São Paulo. (...) Tito, juntamente com Euriale Zerbini e Terezinha Zerbine, consegui um local para o encontro: O sítio Murundu, em Ibiúna, um

⁵ Acioli, Socorro. Frei Tito. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. 112p. II.2 ed – (Coleção Terra Bárbara)

⁶ Op.Cit. p41

⁷ Nota do Autor

pacato município a 65 quilômetros da metrópole, entre São Paulo e Sorocaba. O sítio pertencia a Domingos Gusmão, Membro da VPR (vanguarda popular revolucionária) e amigo de Frei Tito.”⁸

Devido a esse “pecado” (colaborar com a UNE), Tito foi detido e fichado no Departamento de Ordem e Política Social – DOPS, desde então passou à alvo da repressão militar.

No ano seguinte de 1969, Frei Tito foi preso no convento dos dominicanos, sob a acusação de ligação com Carlos Maringhella, líder da Ação Libertadora Nacional (ALN), Nesta mesma madrugada de 4 de novembro iniciaram-se as torturas físicas e psicológicas que transformariam sua vida, estas sob o comando do Del Sérgio Paranhos Fleury. Sua ficha no DOPS “denunciava” sua veia revolucionária, o que contribuiu para que o delegado Fleury atribuísse à Tito o rótulo de padre terrorista.

Mesmo preso, a princípio no DOPS e posteriormente no presídio Tiradentes, o dominicano semeava entre os seus, os pensamentos igualitários, alertando-os para a manutenção da serenidade e do controle psicológico como forma de resistência às torturas.

Quando do exílio,(já na França em 1973) mesmo distante, mostrava-se, apesar da distancia, engajado na luta revolucionária de seu país natal, mostrando apenas um certo descontentamento com o uso das armas em detrimento de posturas políticas, para o Tito exilado:

“É necessário e urgente responder politicamente à ditadura. Nessa perspectiva, penso que a luta armada, como forma de luta principal, é um erro. Ela não chega a ser um instrumento político hoje, nem pode gerar o processo político de consciência e organização do povo. (...) Por que? Entre nós, pesa muito a ausência de uma visão política que seja capaz de conduzir os trabalhadores a uma guerra direta contra a ditadura.(...)”

A violência revolucionária é necessariamente a violência de uma classe e não de uma vanguarda. A vanguarda limita-se a orientar politicamente essa violência. No Brasil foi a vanguarda que decretou a violência revolucionária, sem orientar politicamente a classe operária. O que foi que aconteceu então? A guerra se tornou uma guerra de vanguardas confusas desorientadas. Não foi a guerra do povo, mas a guerra pelo povo...”⁹

Nota-se na segunda parte da citação o espírito de engajamento do dominicano, para ele é preciso que o povo torne-se parte do processo revolucionário e não apenas expectador.

⁸ Acioli,Socorro.Frei Tito. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha,2002. 112p. II.2 ed. – (Coleção Terra Bárbara)

⁹ Texto de Frei Tito, escrito em 1973 .Cf: LOPES, Regis e KUNZ,Martine. Frei Tito: Em nome da memória-2 ed.- Fortaleza: Museu do Ceará, Secretária da Cultura do Ceará; 2005.

O exílio no Chile e depois na Europa, de início alimentaram o desejo de voltar ao seu país natal, mas aos poucos Tito passou a sentir medo, um medo que vinha principalmente de suas lembranças dos tempos que ficou preso no Brasil. O Del. Fleury havia “plantado” na alma do dominicano uma angústia e um temor por sua própria vida e pela vida de seus pares.

Relatos dão conta de que o frei brasileiro aos poucos se distanciava de todos, tomava atitudes estranhas, tornava-se mais recluso a cada dia, chegou mesmo a ter acessos de loucura, ouvia vozes, pensava ser agentes do exército brasileiro outros frades que lhe procuravam.¹⁰ Para entender tais comportamentos, basta saber que essas torturas psicológicas eram consequências das torturas físicas vividas nos quatro longos anos que esteve preso no Brasil, estas, descritas com uma fidelidade que chega a chocar, no seu mais famoso escrito, uma carta denúncia escrita em 1970 e que foi publicada em diversos países¹¹ e que também transcrevo aqui, por mostrar-se imperativo, como forma de continuidade de tais denúncias:

“Fui levado do Presídio Tiradentes para Operação Bandeirante – OB (polícia do Exército) no dia 17 de fevereiro de 1970, terça-feira, às 14 horas. O capitão Maurício veio buscar-me em companhia de dois policiais e disse: ‘você agora vai conhecer a sucursal do inferno’. Algemaram minhas mãos, jogaram-me no porta malas da perua. No caminho, as torturas tiveram início: Cutiladas na cabeça e no pescoço, apontavam-me seus revólveres.

Preso desde novembro de 1969, eu já havia sido torturado no Dops. Em dezembro tive minha prisão preventiva decretada pela 2 auditoria de guerra da 2 região militar. Fique sob a responsabilidade do juiz auditor Dr. Nelson Guimarães. Soube posteriormente que este juiz autorizara minha ida para OB sob ‘garantia de integridade física’.

Ao chegar a OB fui conduzido à sala de interrogatórios. A equipe do capitão Maurício passou a acarear-me com duas pessoas. O assunto era o congresso da UNE em Ibiúna, em outubro de 1968. Queriam que eu esclarecesse fatos ocorridos naquela época. Apesar de declarar nada saber, insistiam para que eu ‘confessasse’. Pouco depois levaram-me para o ‘pau-de-arara’. Dependurado, nu, com mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos, de pilha seca, nos tendões dos pés e na cabeça. Eram seis torturadores, comandados pelo capitão

¹⁰ Para entender melhor ver: BATISMO de Sangue. Direção: Helvécio Ratton. Produção: Helvécio Ratton. Roteiro Dani Patarra e Helvécio Ratton, baseado no livro “Batismo de sangue”, de Frei Beto. Brasil, 2007. CVD (110 min).

¹¹ Sobre a não publicação desse documento nos meios de comunicação no Brasil, com especial atenção ao Correio da Semana, semanário que circula até hoje em Sobral – CE. Conferir: SANTOS, Diones Gomes dos. IGREJA CATÓLICA E DITADURA MILITAR EM SOBRAL – CE (1970-1974). Sobral: Universidade Vale do Acaraú, 2010. Pp. 16 e 33

Maurício. Davam ‘telefones’ (tapas nos ouvidos) e berravam impropérios. Isso durou cerca de uma hora. Descansei quinze minutos ao ser retirado do pau-de-arara. O interrogatório reiniciou. As mesmas perguntas sob cutiladas e ameaças. Quanto mais eu negava, mas forte as pancadas. A tortura, alternada de perguntas, prosseguiu até as 22 horas. Ao sair da sala, tinha o corpo marcado de hematomas, o rosto inchado, a cabeça pesada e dolorida. Um soldado carregou-me até a cela 3, onde fiquei sozinho. Era uma cela de :3x2,5m, cheio de pulgas e baratas. Terrível mau cheiro, sem colchão nem cobertor, dormi de barriga vazia sob o cimento frio e sujo.

Na quarta-feira fui acordado às 8 horas. Subi para sala de interrogatório onde a equipe do capitão Homero esperava-me. Repetiram as mesmas perguntas do dia anterior. A cada resposta negativa, eu recebia cutiladas na cabeça, nos braços e no peito. Nesse ritmo, prosseguiram até o início da noite, quando serviram a primeira refeição naquelas 48 horas: Arroz, feijão e um pedaço de carne. Um preso, na cela ao lado da minha, ofereceu-me um copo, água e cobertor. Fui dormir com a advertência do capitão Homero de que no dia seguinte enfrentaria a ‘equipe da pesada’.

Na quinta feira, três policias acordaram-me na mesma hora do dia anterior. De estômago vazio, fui para sala de interrogatórios. Um capitão cercado por sua equipe, voltou às mesmas perguntas: ‘Vai ter que falar senão só sai morto daqui’ gritou. Logo depois vi que isso não era apenas uma ameaça, era quase uma certeza. Sentaram-me na ‘cadeira do dragão’ (com chapas metálicas e fios), descarregaram choques nas mãos, nos pés, nos ouvidos e na cabeça. A cada descarga eu estremecia todo, como se meu organismo fosse se decompor. Da sessão de choques, passaram-me ao ‘pau-de-arara.’ Mais choques, pauladas nos peitos e nas pernas e cada vez que elas se curvavam para aliviar a dor. Uma hora depois, como corpo todo ferido e sangrando, desmaiei. Fui desamarrado e reanimado. Conduziram-me a outra sala dizendo que passariam a descarga elétrica para 230 volts afim de eu falasse ‘antes de morrer’. O que não chegaram a fazê-lo. Voltaram às perguntas, batiam em minhas mãos com palmatória. As mãos ficaram roxas e inchadas, a ponto de não ser possível fechá-las. Novas pauladas. Era impossível saber qual parte do corpo doía mais; Tudo parecia massacrado. Mesmo que não quisesse, não poderia responder às perguntas: O raciocínio não se ordenava mais, restava apenas o desejo de perder novamente os sentidos. Isso durou até as dez horas, quando chegou o capitão Albernaz.

‘Nosso assunto agora é especial’ disse o capitão Albernaz e ligou os fios em meus membros. ‘quando venho para a OB – disse – deixo o coração em casa. ‘Tenho verdadeiro pavor a padre e para matar terrorista nada me impede...guerra é guerra, ou se mata ou se morre. Você deve conhecer fulano e sicrano (citou o nome de dois presos políticos que foram barbaramente torturados por ele), darei a você o mesmo tratamento que dei a eles: Choques o dia todo. Todo ‘não’ que você disser, maior a descarga elétrica que vai receber’. Eram três militares na sala. Um deles gritou: ‘Quero nomes e aparelhos’ (endereços de pessoas). Quando respondi: ‘não sei’ recebi um descarga tão forte, diretamente liga da à tomada, que houve um descontrole em minhas funções fisiológicas. O capitão Albernaz queria que

dissesse onde estava o frei Ratton. Como não soubesse, levei choque durante quarenta minutos. Queria os nomes de outros padres de São Paulo, Rio e Belo Horizonte ‘metidos na subversão’. Partiu para ofensa moral: ‘Quais os padres que têm amantes? Por que a igreja não expulsou vocês? Quem são os outros padres terroristas?’ Declarou que o interrogatório dos dominicanos tinha sido ‘a toque de caixa’ e que todos os religiosos presos iriam a OB prestar novos depoimentos. Receberiam também o mesmo ‘tratamento’. Disse que a igreja é corrupta, pratica agiotagem, o vaticano é dono das maiores empresas do mundo’. Diante de minhas negativas, aplicavam-me choques, davam-me socos, pontapés, pauladas nas costas. À certa altura, o capitão Albernaz mandou que eu abrisse a boca ‘para recebera hóstia consagrada’. Introduziu um fio elétrico. Fiquei com a boca toda inchada, sem poder falar direito. Gritavam difamações contra a igreja, berravam que os padres são homossexuais porque não se casam. Às 14 horas encerraram a sessão. Carregado, voltei à cela onde fiquei estirado no chão.

Às 18 horas serviram jantar mas eu não consegui comer. Minha boca era uma ferida só. Pouco depois, levaram-me para uma ‘explicação’. Encontrei a mesma equipe do capitão Albernaz. Voltaram às mesmas perguntas. Repetiram as difamações. Disse que, em vista de minha resistência à tortura, concluíram que eu era um guerrilheiro e devia estar escondendo minha participação em assaltos a banco. O ‘interrogatório’ reiniciou para que eu confessasse os assaltos: Choques, pontapés nos órgãos genitais e no estômago, pontas de cigarros no meu corpo. Durante cinco horas, apanhei como um cachorro. No fim, fizeram-me passar pelo ‘corredor polonês’. Avisaram que aquilo era a estréia do iria acontecer com outros dominicanos. Quiseram me deixar dependurado toda a noite no pau-de-arara. Mas o capitão Albernaz objetou: ‘Não é preciso, vamos ficar com ele aqui mais dias. Se não falar será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar marcas visíveis. Se sobreviver, jamais esquecerá o preço de sua valentia’.

Na cela eu não conseguia dormir. A dor crescia a cada momento. Sentia a cabeça dez vezes maior de que o corpo. Angustiava-me a possibilidade de os outros poderes sofrerem o mesmo. Era preciso por um fim àquilo. Sentia que não iria mais aguentar o sofrimento prolongado. Só havia uma solução: Matar-me.

Na cela cheia de lixo, encontrei uma lata vazia. Comecei a amolar sua ponta no cimento. O preso ao lado pressentiu minha decisão e pediu que eu me acalmasse. Havia sofrido mais do que eu (teve os testículos esmagados) e não chegara ao desespero. Mas no meu caso, tratava-se de impedir que outros viessem a ser torturados e de denunciar à opinião pública e à igreja o que se passa nos cárceres brasileiros. Só com o sacrifício de minha vida isso seria possível, pensei. Como havia um novo testamento, li a ‘Paixão segundo São Mateus’. O pai havia exigido o sacrifício do filho como prova de amor aos homens. Desmaiei envolto em dor e febre.

Na sexta-feira fui acordado por um policial. Havia ao meu lado um outro preso: Um rapaz português que chorava pelas torturas sofridas durante a madrugada. O policial advertiu-me: ‘O senhor têm até amanhã para decidir a falar. Se não, a turma da

pesada repete o mesmo pau. Já perderam a paciência e estão dispostos a matá-lo aos pouquinhos'. Voltei aos meus pensamentos da noite anterior. Nos pulsos, eu havia marcado o lugar dos cortes. Continuei amolando a lata.

Ao meio-dia tiraram-me para fazer a barba. Disseram-me que eu iria para a penitenciária. Raspei mau a barba, voltei à cela. Passou um soldado, pedi que me emprestasse a 'gilete' para terminar a barba. O português dormia. Tomei a gilete. Enfiei-a com força na dobra interna do cotovelo, no braço esquerdo. O jato de sangue manchou o chão da cela. Aproximei-me da privada, apertei o braço para que o sangue jorrasse mais depressa. Mais tarde recobri os sentidos em um leito do hospital das clínicas. No mesmo dia transferiram-me para um leito do hospital militar. O exército temia a repercussão, não avisaram a ninguém o que ocorrera comigo. No corredor do Hospital Militar, o capitão Albernaz dizia desesperado aos médicos: 'Doutor ele não pode morrer de jeito nenhum. Temos que fazer tudo, se não estamos perdidos'. No meu quarto a OB deixou seis soldados de guarda.

No sábado teve início a tortura psicológica, Diziam: 'A situação agora vai piorar pra você, que é um padre suicida e terrorista. A igreja vai expulsá-lo'. Não deixavam que eu repousasse. Falavam o tempo todo, jogavam, contavam-se estranhas histórias. Percebi logo que, a fim de fugirem à responsabilidade de meu ato e o justificarem, queriam que eu enlouquecesse.

Na segunda a noite recebi a visita do juiz auditor acompanhado de um padre do convento e um bispo auxiliar de São Paulo. Haviam sido avisados pelos presos do Presídio Tiradentes. Um médico do hospital examinou-me à frente deles, mostrando os hematomas e as cicatrizes, os pontos recebidos no Hospital das clínicas, as marcas de tortura. O juiz declarou que aquilo era 'uma estupidez' e que iria apurar responsabilidades. Pedi a ele garantia de vida e que não voltaria à OB, o que prometeu fazer.

De fato, fui bem tratado pelos militares do Hospital Militar, exceto os da OB que montavam guarda em meu quarto. As irmãs vicentinas deram-me toda a assistência necessária. Mas não se cumpriu a promessa do juiz, na sexta-feira, dia 27, fui levado de manhã para a OB. Fiquei numa cela até o fim da tarde, sem comer. Sentia-me tonto e fraco, pois havia perdido muito sangue e os ferimentos começavam a cicatrizar. À noite entregaram-me de volta ao Presídio Tiradentes.

É preciso dizer que o que ocorreu comigo não é exceção, é regra. Raros os presos políticos brasileiros que não sofreram torturas. Muitos como SchaelSchreiber e Virgílio Gomes da Silva, morreram nasala de tortura. Outros ficaram surdos, estéreis ou com outros defeitos físicos. A esperança desses presos coloca-se na igreja, única instituição brasileira fora do controle estatal-militar. Sua missão é defender e promover a dignidade humana.

Onde houver um homem sofrendo, é o mestre que sofre. É hora de nossos bispos dizerem um BASTA às torturas e injustiças promovidas pelo regime, antes que seja tarde.

A igreja não pode omitir-se. As provas de torturas trazemos no corpo. Se a igreja não se manifestar contra essa situação, quem o fará? Ou seria necessário que eu morresse para que alguma atitude fosse tomada?

Num momento como esse, silêncio é omissão. Se falar é um risco, é muito mais um testemunho. A igreja existe como sinal de Deus no mundo.

Faço esta denuncia e este apelo afim de que se evite amanhã a triste notícia de mais um morto pelas torturas.

*Frei Tito de Alencar Lima OP*¹² (sic)

São narrativas como esta, que nos trazem ao conhecimento os horrores cometidos e sofridos nos porões da Ditadura Militar no Brasil, em nome de uma democracia que se pretendia desenvolvimentista, contudo, mais que uma narrativa, o texto nos traz a possibilidade de buscarmos entender o Tito cristão, político, homem e vítima.

Seus ideais, mesmo não sucumbindo diante das torturas foram "sacudidos" de tal forma que percebemos uma certa oscilação de sua consciência (o pensamento e a tentativa de suicídio para um cristão é impensável), neste estado emocional corpo e mente travaram uma batalha ferrenha, o ato de suicidar-se seria uma fuga de tanto sofrimento ou uma forma de denunciar o que ocorria nos presídios brasileiros naquele momento? Como suportar tanta dor? Como manter-se firme? É preciso fazer-se pequeno diante do que se acredita, é preciso abandonar a condição humana sem se importar com o que lhe porão no lugar. O cristão e o político ergueram-se em detrimento do "homem" e do corpo. A figura do mártir, aquele que traz pra si as expiações dos outros, "o guerreiro solitário", a própria releitura da vida do Nazareno, como bem lembra a peça teatral FREI TITO: PAIXÃO, VIDA E MORTE parecem dar o tom da vida de Tito.¹³

3. OS IDEAIS DE FREI TITO

Pessoas morreram, foram sequestradas ou simplesmente desapareceram nos quartéis das forças armadas, mas não só nestes. A chamada resistência revolucionária também fez suas vítimas, utilizando seus diversos "braços armados" nos chamados

¹² LOPES, Regis e KUNZ, Martine. *Frei Tito: Em nome da memória*-2 ed.- Fortaleza: Museu do Ceará, Secretária da Cultura do Ceará; 2005. Pp.45-55

¹³ FREI TITO: PAIXÃO, VIDA E MORTE. Texto, orientação cênica e narração: Ricardo Guilherme. Direção, figurino, cenário e iluminação: Graça Freitas. Elenco: William Mendonça, Maria Vitoria e Leonardo Costa. Musico: Rami Costa. Montagem: Grupo Formosura de Teatro.

“justiçamentos”¹⁴, e no meio dessas posturas radicais de direita e de esquerda, militavam pessoas como o nosso personagem frade, aqueles que acreditavam num país melhor e mais justo como bem lembra o professor Leunam Gomes: “Centenas de brasileiros foram mortos, torturados, demitido, banidos do país por defenderem a democracia. Muitos continuam desaparecidos. Mas a luta não foi em vão.”¹⁵ E foi com essa certeza de que a luta não seria em vão que, Tito levou seu ideais às últimas consequências.

O que pensar de Tito hoje?



Mas do que padre, irmão, amigo, “companheiro”, revolucionário, mártir,... Tito foi um homem do seu tempo, um “homem do futuro”, transformador não só de ideias, mas de ações.

Pensar que mesmo tendo passado todos esses anos, as ações deste homem seguem como espelho para aqueles que buscam justiça, igualdade social, democracia, verdade... É deparar-se uma nova forma de posicionar-se, é redefinir valores pessoais, humanos mesmos, posto que a verdadeira humanidade está alicerçada em exemplo de vida de homens como ele, nos faz crer que a sua luta e a de tantos outros não esvaziou, nem perdeu-se com tempo.

O nosso presente é o futuro sonhado e defendido por ele, a nossa liberdade são os sonhos e ideais de Tito em seu tempo.

¹⁴ Sobre a luta armada e justiçamentos, Cf: FARIAS, Airton de. Além das Armas: Guerrilheiros de Esquerda no Ceará Durante a Ditadura Militar (1968-1972). Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007. 248p.II

¹⁵ Prof. Leunam Gomes IN: Sobral News: Roda de Conversa. 16 de março de 2012, p 4. Ano I, ed 045.

Tito saiu de sua casa em Fortaleza, para tornar-se cidadão do mundo, referência na luta por direitos humanos, cresceu como jamais poderia imaginar que cresceria. Arregimentou milhares, balançou estruturas impostas através do medo com uma coragem comum à poucos, foi, à medida que se impunha e dava testemunho de si, tornando-se aquilo que sua irmã só se daria conta vinte cinco anos após sua morte: “‘meu Deus, a quem pertence o Tito?’ Afinal, tanto que agente lutou para que ele fosse preservado na família e escapuliu sempre das nossas mãos. (...) ‘O Tito não é somente nosso...’”¹⁶.

De fato, Tito ultrapassou as barreiras da família e da igreja e instalou-se na história do Brasil, contudo foi ainda mais além. Ao assumir essa postura “desafiadora” ao regime militar do país, transformou sua própria vida em missão, deu testemunho de fé e procurou vivenciar o evangelho de cristo. O curta metragem “A paixão de Tito” faz alusão à vida do Nazareno, e nos dá uma dimensão de como Tito viveu intensamente o lado místico de sua vida política. Para ele Deus o escolhera para vivenciar tudo aquilo, e cabia a ele dar testemunho de vida.

O compromisso em fazer a vontade de Deus, através da defesa dos oprimidos e de suportar os martírios pelos quais passou, foram percebido de forma impar por sua irmã e companheira de angústias Nildes de Alencar, para ela:

“O martírio e a dor, a dor física, a dor espiritual que ele passou por um causa, pelo evangelho, que é uma das causas mais místicas que você pode ter, porque representa a palavra de Deus. Ter um comportamento de relações humanas nesse mundo de uma maneira tal que o homem não se perca – isso para o Tito era fundamental. Era a essência da vida dele. Então ele ao sentir na pele, no corpo todas aquelas torturas, ele soube assumir o martírio dele, ele soube identificar as palavras de cristo. Então ele assumiu isso aí e incorporou na vida dele, e incorporou também por uma questão de sobrevivência posterior ao sofrimento.

Ele passou por uma grande humilhação. Ele passou isso, ele sofreu, e depois das torturas, eu percebia como se ele dissesse: Eu fui mais que humilhado, eu fui tratado não como um ser humano, mas sim como um traste, como uma porcaria, uma coisa que não valia nada...Mas ao ser tratado assim, ele tentava se valorizar pela fé, por aquilo que o próprio cristo passou...

¹⁶ Trecho de uma entrevista de Nildes de Alencar, irmã de frei Tito IN:: LOPES, Regis e KUNZ, Martine. Frei Tito: Em nome da memória-2 ed.- Fortaleza: Museu do Ceará, Secretária da Cultura do Ceará; 2005. P.44

Eu sentia também, vamos dizer assim, a sublimação que ele dava a isso tudo. (...) do ponto de vista espiritual nos sabemos que é uma ligação direta que a pessoa tem com Deus, e que a pessoa é capaz de assumir o sofrimento como uma forma de relacionamento, como se Deus se comunicasse através de um sofrimento, de um chamado...

Ele enfrentou, ele assumiu a dor, a vergonha, ele conseguiu manter a fidelidade: Não falou o que os torturadores queriam que ele revelasse, porque nem tinha o que revelar... O que ele ia revelar? Que estava lutando contra a ditadura? Isso tava na cara, não precisava perguntar. Mas queriam que ele dissesse quem estava lutando, quem eram as pessoas, desse nomes. Isso ele aguentou até as ultimas consequências. Não só ele mas outros... Alguns falaram, mas isso não era fraqueza, porque a tortura era terrível, a coisa mais terrível do mundo! Todo mundo sabe. Só que ele sublimou, para ele aquilo era sinal de sofrimento cristão.¹⁷

Tito foi assim, um misto de ação e fé, de resistência e imposição, fez do próprio corpo instrumento de batalha, ou como fazem referencias as “Cartas de compaixão”¹⁸, uma vida de mistério

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Socorro. Frei Tito. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. 112p. Il.2 ed – (Coleção Terra Bárbara)

FARIAS, Airton de. Além das Armas: Guerrilheiros de Esquerda no Ceará Durante a Ditadura Militar (1968-1972). Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007.

GOMES, Leunam. IN: Sobral News: Roda de Conversa. 16 de março de 2012, p 4. Ano I, ed 045.

LOPES, Regis e KUNZ, Martine. Frei Tito: Em nome da memória-2 ed.- Fortaleza: Museu do Ceará, Secretária da Cultura do Ceará; 2005.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Frei Tito: Cartas de Compaixão. Instituto Frei Tito de Alencar, Fortaleza, 2013.

¹⁷OP.Cit. pp 52-53

¹⁸ Sobre Cartas de Compaixão, conferir: Ramos, Francisco Régis Lopes. Frei Tito: Cartas de Compaixão. Instituto Frei Tito de Alencar, Fortaleza, 2013.

SANTOS, Diones Gomes dos. IGREJA CATÓLICA E DITADURA MILITAR EM SOBRAL – CE (1970-1974). Sobral: Universidade Vale do Acaraú, 2010. Pp. 16 e 33.

FILMOGRAFIA

BATISMO de Sangue. Direção: Helvécio Ratton. Produção: Helvécio Ratton. Roteiro Dani Patarra e Helvécio Ratton, baseado no livro “Batismo de sangue”, de Frei Beto. Brasil, 2007. CVD (110 min).

PEÇA DE TEATRO

FREI TITO: PAIXÃO, VIDA E MORTE. Texto, orientação cênica e narração: Ricardo Guilherme. Direção, figurino, cenário e iluminação: Graça Freitas. Elenco: William Mendonça, Maria Vitoria e Leonardo Costa. Músico: Rami Costa. Montagem: Grupo Formosura de Teatro.